



O mal ronda a terra — Um tratado sobre as insatisfações do presente

Tony Judt¹

¹ Formado pela King's College, da Universidade de Cambridge, estudou também em Paris antes de cursar doutorado pela escola de origem, em 1972. Depois de lecionar em Cambridge, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e em Oxford, fixou-se na Universidade de Nova York. Tony Judt (1948–2010) foi um militante sionista na juventude, e acabou se tornando proponente de uma espécie de federação judaico-palestina; também foi socialista, mas acabou se aproximando dos intelectuais dissidentes do leste europeu.

Segundo Tony Judt, os anos 1980 produziram uma obsessão acrítica pelo sucesso, acúmulo de dinheiro e poder, ressaltando o caráter egoísta e materialista da vida contemporânea, o que o autor afirma não ser algo inerente à condição humana. Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, o discurso hegemônico passou a ser dado pelo Consenso de Washington — Estado mínimo, privatização de empresas estatais, monetarismo, redução de impostos, desregulamentação de atividades com incentivo à livre iniciativa, focalização de políticas sociais etc. Falar em regulamentar mercados e universalizar políticas sociais era algo classificado como “socializante”. Entretanto, a crise de 2008 mostrou que o capitalismo desregulado é o seu pior inimigo e, de acordo com o autor, a atual crise ignora a discussão Estado *versus* Mercado, pois é consenso a necessidade de Estados fortes e governos intervencionistas para evitar uma “quebradeira” geral, tal qual em 1929.

Judt aponta que as mudanças climáticas associadas às mudanças demográficas trarão consequências dramáticas para a humanidade, e afirma: “acredito que as pessoas pressionadas sacrificarão um pouco da liberdade em nome da segurança”. A escolha não mais se fará entre Estado ou Mercado, mas sim entre tipos de Estado voltados para a defesa dos interesses coletivos.

O Capítulo Um, intitulado “O modo como vivemos hoje”, começa observando que “nos EUA, Grã-Bretanha e em mais um punhado de países as transações financeiras sobrepujaram a produção de mercadorias ou serviços como fonte de fortunas particulares, distorcendo o valor que atribuímos a diferentes tipos de atividade econômica”. Mercados de derivativos, especulações financeiras, mercados desregulados, bolhas da internet etc. O autor lamenta que a “economia esteja subjugando a política”. Ele ainda aponta que os jovens cada vez mais buscam trabalhos que lhes proporcionem renda e *status*, sendo que hoje os estudantes ingleses mais brilhantes direcionam-se para os cursos de MBA nas *business schools*. Judt lembra, por exemplo, que poucos dos jovens mais brilhantes de sua geração iam estudar em *business schools*.

No capítulo “O mundo que perdemos”, o autor analisa o período do pós-guerra sob os aspectos políticos e econômicos, mostrando que o Plano Marshall, desenvolvido pela Otan em contraposição ao Pacto de Varsóvia, criou condições particulares para a construção de Estados de bem-estar social, principalmente na Grã-Bretanha, Itália, França e Bélgica. Somados, os períodos do apogeu e da crise do *welfare state* europeu (que, apesar de tudo, sobrevive) constituem a maior parte da história contada em *Pós-Guerra*. Porque se há algo difícil de ser negado é que a social-democracia foi um sucesso por toda Europa, especialmente na Escandinávia, onde os filhos dos pobres puderam frequentar

boas escolas, foram atendidos em bons hospitais e passaram a ter oportunidades de ascensão social absolutamente inacreditáveis para qualquer outro pobre em qualquer outra época. Tudo isso aconteceu não apenas em um ambiente indiscutivelmente democrático, mas também por iniciativa de partidos com muito mais direito de dizer que representavam os trabalhadores do que os partidos comunistas jamais tiveram (para começar, os partidos sociais-democratas não forçaram os operários a serem sociais-democratas), acrescenta Judt.

Como diz Judt, as grandes utopias falharam, mas esse amontoado de compromissos e visões muitas vezes conflitantes do programa social-democrata superaram muito suas ambições, e coisas que pareciam utópicas décadas antes, como educação e saúde pública de boa qualidade para toda a população, hoje parecem naturais; nos escandaliza, por exemplo, que o Brasil ainda não os tenha conquistado (nossa opinião).

O que se pode discutir é se isso era um modelo, algo que pudesse inspirar projetos futuros, ou apenas uma situação, fruto de circunstâncias muito específicas: a reconstrução do pós-guerra, as diversas mudanças tecnológicas, o fantasma comunista como forma de pressão sobre os mais ricos, uma antipatia forte contra fanatismos após o cataclismo da Segunda Guerra, uma geração feliz de estadistas, a possibilidade de os europeus deixarem a defesa contra a União Soviética por conta dos americanos... enfim. Ou talvez a social-democracia tenha sido apenas um intervalo especialmente bem sucedido entre a crise do liberalismo no final dos anos 20 e sua ressurreição nos anos 70.

Com o subtítulo “Comunidade, confiança e objetivo comum”, o autor demonstra que todos os empreendimentos coletivos exigem confiança dos participantes. Quando pagamos impostos, temos que confiar no governo e no bom uso dos recursos públicos. Porém, ele também aponta certa dificuldade em tratar do tema “impostos e globalização”, falando da dificuldade do cidadão comum estabelecer certos nexos, e pergunta: “Podemos esperar que um residente de Nebraska, nos EUA, pague de bom grado impostos para construir pontes em Kuala Lumpur, a partir do conceito explícito de que seu equivalente malásio faria o mesmo por ele”?

No item “Adeus a tudo isso”, o autor aponta a crise dos anos 1980, o choque do petróleo e, principalmente, as mudanças demográficas que determinaram mudanças nos valores da família e da sociedade. Além das mudanças demográficas e de perfil social, observaram-se também profundas alterações tecnológicas, as quais geraram e ainda geram conflitos sociais. Cita como exemplo a questão dos maquinistas ferroviários que constituíam uma classe diferenciada de trabalhadores na primeira metade do século XX. Exerciam um trabalho penoso e insalubre nas máquinas a vapor, e estavam sujeitos às piores condições de trabalho. Aposentavam-se com ganhos generosos aos 50 anos de idade, em geral doentes e com baixa expectativa de vida. Hoje, os maquinistas do TGV (trem bala) trabalham numa cabine com ar condicionado, sistema de som ambiente, e o mais próximo de trabalho manual que executam é digitar no teclado de computadores e acionar comandos eletrônicos. Aposentar-se aos 50 anos parece ser um absurdo, apesar dos direitos adquiridos reclamados pelo seu sindicato.

O capítulo de título “O que deve ser feito” aborda a manutenção do senso crítico e insiste na importância da participação política. Aprofunda a crítica sobre a condição atual das instituições políticas, apontando a queda de credibilidade nos partidos políticos e nos movimentos tradicionais e mostrando, entretanto, um maior engajamento, sobretudo dos jovens, em movimentos globais e setorizados, como Greenpeace, WWF, *Human Rights*, Médicos Sem Fronteiras, Anistia Internacional, os quais detêm grande credibilidade perante o público em geral.

O mal que ronda a terra parece ser o INDIVIDUALISMO, cada vez mais presente nas sociedades, derivado da submissão da POLÍTICA e de outras dimensões da vida à ECONOMIA.

Nesse sentido, uma parte importante do livro é a tentativa de resgatar certa visão de mundo e de valores da social-democracia, menos preocupada com a defesa do prestígio e do enriquecimento individual e mais engajada civicamente.

Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2011
ISBN: 978.853.9002207

Manual de gestão hospitalar

Haino Burmester

Este manual oferece um excelente roteiro, passo a passo, para administrar ambulatorios, clínicas e hospitais de maneira sistêmica, integrada e coerente. Nele estão reunidos, se não todos, os principais desafios gerenciais com os quais o administrador de um serviço de saúde pode se defrontar. O conteúdo do livro se divide em duas partes: a primeira traz a base teórica do modelo de gestão; e a segunda transforma os conceitos apresentados em questões objetivas, construindo um roteiro de avaliação e implementação do sistema proposto.

SUMÁRIO DO LIVRO

Parte I – Descrição do modelo de gestão utilizado como base metodológica

1. O movimento da qualidade na saúde e nos hospitais
2. Valores do modelo (os fundamentos da excelência)
 - Valorização das pessoas
 - Gestão centrada nos clientes
 - Foco nos resultados
 - Visão de futuro e longo alcance
 - Gestão baseada em processos e informações
 - Ação proativa e resposta rápida
 - Aprendizado contínuo
 - Responsabilidade social
 - Comprometimento da alta direção
3. Liderança
 - Sistema de liderança
 - Cultura da excelência
 - Análise crítica do desempenho global
4. Planejamento estratégico
 - Grupos de interesse e estratégias
 - Definições
 - Formulação das estratégias
 - Desdobramento das estratégias
 - Planejamento da medição do desempenho global
5. Relação com os clientes
 - Imagem e conhecimento do mercado
 - Relacionamento com os clientes

6. Relação com a sociedade
 - Responsabilidade socioambiental
 - Ética e desenvolvimento social
7. Informações e conhecimento
 - Informações da organização
 - Informações comparativas
 - Ativos intangíveis
8. Gestão de pessoas
 - Sistemas de trabalho
 - Educação, treinamento e desenvolvimento das pessoas
 - Bem-estar e satisfação das pessoas
9. Gestão de processos
 - Processos principais do negócio e processos de apoio
 - Processos de relacionamento com os fornecedores
 - Processos econômico-financeiros
10. Resultados
 - Resultados econômico-financeiros
 - Resultados relativos aos clientes e ao mercado
 - Resultados relativos à sociedade
 - Resultados relativos às pessoas
 - Resultados dos processos principais do negócio e dos processos de apoio
 - Resultados relativos aos fornecedores

Parte II – Roteiro de avaliação

Referências – PNQ, CQH

Glossário

Anexo – Exemplos de valores, missões, visões e políticas gerais

O AUTOR:

Haino Burmester é médico e administrador de empresas e tem se dedicado à gestão de serviços de saúde nos últimos 35 anos, área na qual atua como executivo, consultor, assessor, coordenador, professor e palestrante. Como assuntos de interesse, destacam-se: liderança, desenvolvimento e cultura organizacional, recursos humanos, gestão e qualidade de serviços. Ele já trabalhou com a Organização Pan-Americana da Saúde em Trinidad e Tobago; com a Organização Mundial da Saúde na África; e, no Brasil, no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), no Hospital do Serviço Social da Indústria do Papel, Papelão e Celulose (SEPACO) e no Hospital Sírio-Libanês. Participou da criação e coordenou, voluntariamente, nos últimos 20 anos, o Programa de Compromisso com a Qualidade Hospitalar (CQH), mantido pela Associação Paulista de Medicina e pelo Conselho Regional da Medicina do Estado de São Paulo. Atualmente é Coordenador de Recursos Humanos da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo e Professor do Departamento de Administração da Fundação Getúlio Vargas, também em São Paulo

FGV EDITORA – RIO DE JANEIRO 2012

ISBN: 978-85-225-1279-9

Ano: 2012

Nº de páginas: 228